

## PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- BORDINI, Maria da Glória (coord.). **ALEV - Acervo Literário de Érico Veríssimo**. 1993, 40p. Em co-edição com CPL.
- CARVALHO, Carlos. **Poesia e Prosa**. 1994, 179p. Coleção Memória. A presente obra é a reedição dos contos e a divulgação de algumas poesias, até então inéditas, de Carlos Carvalho. Co-edição EDIPUCRS/IEL.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 PORTO ALEGRE - RS  
BRASIL  
Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3323  
FAX: (051) 339-1564

# A HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA POR ASTROJILDO PEREIRA: IMPLICAÇÕES

MONIKA MERKT

Mas ainda errando, falso nom queríamos dizer; como assi seja que outra coisa nom é errar salvo cuidar que é verdade aquele que é falso. E nós, engando per ignorância de velhas escrituras e desvairados autores, bem podíamos ditando errar. (Fernão Lopes)<sup>1</sup>

Uma leitura cuidadosa do manuscrito de Astrojildo Pereira traz à tona várias questões interessantes para o crítico literário. Uma delas, na qual me demorarei com atenção especial ao longo deste texto, diz respeito a algumas das fontes utilizadas por nosso autor e suas virtuais implicações. Nesse sentido, a referência de Astrojildo Pereira a Frei Vicente do Salvador (1564-1639) me parece um ponto de partida bastante promissor.

Interessado em determinar os primeiros grandes nomes da literatura brasileira, Astrojildo, a certa altura de seu manuscrito, discorre sobre Frei Vicente, recorrendo à autoridade de Ronald de Carvalho (1893-1935), cuja *Pequena história da literatura brasileira*<sup>2</sup> cita explicitamente no sentido de corroborar suas afirmações:

Será exagerada, mas não totalmente destituída de fundamento, a *opinião de Ronald de Carvalho*: Frei Vicente do Salvador, escreveu ele, representa a reação contra a tendência dominante: Brasil significa para ele, mais que expressão geográfica, expressão histórica e social.<sup>3</sup>

Está claro, portanto, que em suas considerações a respeito de Frei Vicente, Astrojildo se apoiou em Ronald de Carvalho. Inicia-se assim uma complexa rede de citações cujo percurso inverso procurarei percorrer.

Tomarei como ponto de partida desse rastreamento às avessas as sucessivas referências ao título da obra de Frei Vicente do Salvador, opção que permite tecer algumas considerações relativas a quem quer que se disponha a fazer historiografia – no caso Astrojildo e, em certa medida, o próprio crítico literário. A questão é que a escrita historiográfica difícil-

<sup>1</sup> Lopes, Fernão. *Quadros da crônica de D. João I*. Lisboa: Sá da Costa, 1979, p. 15.

<sup>2</sup> Carvalho, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briget, 2ª ed., 1922, p. 91. A 1ª edição é de 1919.

<sup>3</sup> Citação de Astrojildo Pereira à p. 4 de seu manuscrito.

mente prescinde da citação e do cotejo de fontes, e o comportamento de nosso autor, empenhado na escrita de uma história da literatura, não é exceção à regra.

Como se observou no trecho acima, Astrojildo buscou informações a respeito de Frei Vicente do Salvador em Ronald de Carvalho. Portanto, nada mais natural que verificarmos neste último a fonte ou fontes das quais se valeu. Trata-se, aparentemente, de Capistrano de Abreu (1853-1927):

*A História da custódia do Brasil*, de Vicente Rodrigues Palha, ou Fr. Vicente do Salvador, permaneceu inédita até o século XIX, quando o sr. Capistrano de Abreu a editou, em 1888, nos anais da Biblioteca Nacional.<sup>4</sup>

A questão se torna mais interessante a partir da leitura da introdução de Capistrano à edição da obra de Frei Vicente, provavelmente consultada por Ronald de Carvalho.<sup>5</sup> O texto é categórico e se inicia da seguinte forma:

A 20 de dezembro de 1627, Fr. Vicente do Salvador concluiu sua *História do Brasil* (...) <sup>6</sup>

explicitando o primeiro equívoco no que se refere à obra escrita pelo Frei. Trata-se da *História da custódia do Brasil*, como diz Ronald de Carvalho, ou simplesmente da *História do Brasil*, segundo afirma Capistrano de Abreu? Voltaremos a essa questão mais adiante. Por ora, façamos uma leitura atenta da introdução de Capistrano.

### A ciranda

Em seu prefácio, o historiador se esmera em um autêntico exercício detetivesco, buscando reconstruir o tortuoso caminho percorrido pelo manuscrito que acabava de publicar. Diz-nos Capistrano que Frei Vicente escrevera a pedido de Manuel Severim de Faria (?-1655) – escritor português interessado em redigir uma história do Brasil, o qual havia prometido ao frei publicar a obra deste, talvez com o intuito de dela se valer como um estudo prévio ao seu próprio trabalho. Entretanto, embora se tenha notícia do envio do manuscrito à Europa, a promessa de Severim de Faria jamais se realizou, vindo Frei Vicente a falecer dez anos mais tarde e o escritor português, vinte e cinco anos depois, sem que a obra tivesse sido pu-

blicada. Com a morte do escritor português, sua biblioteca passa às mãos do Conde de Vimeiro, que parece não haver recebido o manuscrito juntamente com os outros volumes da biblioteca herdada. É esse fato que permite a Capistrano levantar a hipótese de o manuscrito haver se extraviado quando de seu envio à Europa.

Contudo, isso não impediu que o texto de Frei Vicente fosse ocasionalmente citado em alguns nobiliários sob o título *Crônica do Brasil*. De fato, as menções ao manuscrito extraviado se sucedem e o primeiro a fazê-lo no século XIX, segundo Capistrano, é Francisco Adolpho de Varnhagem (1816-1878), em seu artigo *Reflexões críticas a Gabriel Soares*.<sup>7</sup> O título mencionado por Varnhagem é *História do Brasil*, volume, segundo ele, pertencente à *Biblioteca das necessidades*, no qual estariam reunidos códices vários – na verdade apenas fragmentos da obra completa e que logo em seguida desaparecem. De acordo com Capistrano, somente muito mais tarde Varnhagen tomará novo conhecimento de textos antigos a respeito do Brasil. Trata-se de trechos do manuscrito de Frei Vicente do Salvador, localizados na Torre do Tombo e publicados pelo historiador na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico em 1858, enquanto aguardava a localização do texto principal no mesmo arquivo, a cargo de João Francisco Lisboa (1812-1863), escritor maranhense enviado a Portugal para colher documentos acerca da história do Brasil*.

A cópia principal chega ao Rio de Janeiro por volta desse mesmo ano, ficando de posse do marquês de Olinda, ministro do Império. Após sua morte, passa às mãos de herdeiros, vai a leilão e é arrematada pelo livreiro João Martins Ribeiro, que por fim a doa à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1881. De acordo com Capistrano, sua edição do texto de Frei Vicente tomou por base essa cópia enviada a Varnhagen, revelando também haver solicitado a transcrição de suplementos ao mesmo manuscrito sabidamente localizados na Torre do Tombo, que entretanto não foram localizados. Como se vê, não se bastando as diferentes versões do título da obra de Frei Vicente – ora *História da custódia do Brasil*, ora *História do Brasil*, outras vezes *Crônica do Brasil* – ela também se compraz em ser protagonista de uma intrincada sucessão de aparecimentos, desaparecimentos e reaparecimentos.

<sup>4</sup> Carvalho, Ronald de. op. cit.

<sup>5</sup> Digo "provavelmente" porque o deslize grosseiro cometido por Ronald de Carvalho – sobre o qual se falará logo em seguida – parece apontar para uma fonte intermediária (e ainda não identificada) entre este e Capistrano de Abreu. Conferir nota 7.

<sup>6</sup> Abreu, Capistrano de. "História do Brasil por Frei Vicente do Salvador" In: *Anais da biblioteca nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, vol. XIII, 1888, p. 1-19.

<sup>7</sup> Gabriel Soares, escritor português nascido por volta de 1540 e falecido em 1591, ao qual se credita a escritura de uma história do Brasil.

<sup>8</sup> Varnhagen, Francisco Adolpho de. "Reflexões críticas a Gabriel Soares" In: *Memórias para a história e geografia das nações ultramarinas*. Lisboa, 1839, vol V, nota 67. Infelizmente ainda não me foi possível a localização desse texto. Estando momentaneamente limitada às considerações de Capistrano de Abreu, não posso averiguar suas críticas a Varnhagen com maior propriedade.

## A trama

No que se refere especificamente à diversidade de títulos do manuscrito, Capistrano é de opinião que a confusão se deve, na verdade, a Varnhagen, desconhecedor do fato de Frei Vicente haver escrito duas obras distintas: *A crônica da custódia do Brasil (1618)*, texto breve, e *História do Brasil (1627)*, obra extensa se comparada à anterior. Segundo Capistrano, Varnhagen considerava ambas as obras partes distintas de um texto único: a *História do Brasil*, pois acreditava que de início Frei Vicente havia escrito somente a primeira parte dela – na verdade, *A crônica da custódia* – e, anos mais tarde, o seu restante – ou seja, a *História do Brasil*.

Entretanto, a confusão não se limita a Varnhagen. Como já dissemos anteriormente, também Ronald de Carvalho parece incorrer em equívoco semelhante. Na segunda edição de sua *Pequena história da literatura brasileira* Ronald se refere ao manuscrito de Frei Vicente como *História da custódia do Brasil*, embora a fonte à qual remeta, Capistrano de Abreu, a denomine simplesmente *História do Brasil*.<sup>9</sup> Como terá Ronald de Carvalho chegado a esse título? Certamente não terá sido através de Capistrano de Abreu que, além de empregá-lo com propriedade, corrige referências equivocadas. Terá Ronald se valido de outra fonte que não Capistrano? Qual? E se assim o fez, por que razão terá se calado? Nossa porta de entrada nesse emaranhado de fontes e citações será Astrojildo Pereira, última personagem desse percurso às avessas.

Um caminho possível para se averiguar a causa de toda essa confusão parece ser o de uma investigação mais aprofundada das condições de produção de texto em que se encontravam Astrojildo, Ronald, Capistrano e Varnhagen. Ao menos no caso do primeiro, a situação de escrita parece ter sido particularmente difícil, conforme se lê em seu desabafo, já nos primeiros parágrafos de seu texto:

É o que tentarei indicar neste trabalho, diz ele a propósito de seus objetivos. Digo apenas "indicar", não por modéstia, mas principalmente por impossibilidade material de proceder a um estudo aprofundado e direto da matéria. Não pude sequer ler ou reler certos autores dos mais importantes, valendo-me sobretudo de alguns historiadores e um pouco, também da minha própria memória, que aliás não é das melhores.<sup>10</sup>

O fato é que a necessidade de se buscar maiores dados com relação às condições de produção dos textos a que nos temos referido – seus bastidores – está intimamente ligada a um outro aspecto fundamental de toda obra de cunho historiográfico: suas fontes, para as quais já havíamos cha-

mado a atenção do leitor no início deste texto. Há portanto que se efetuar um estudo igualmente rigoroso delas tanto por parte de quem se propõe a escrever uma história literária, quanto daquele que vier a analisá-la posteriormente, atentando não só para a forma como as fontes são empregadas (com maior ou menor distanciamento crítico), o devido reconhecimento (ou não) dos créditos de seu autor, como também – e principalmente – a sua seleção. A importância do corpus formado pelos autores e obras citados ao longo de um texto historiográfico reside no fato de com ele se poderem recuperar os pressupostos de seu autor, ou seja: o que significa para ele escrever história. Para ilustrar essa questão, voltemos a Astrojildo Pereira. Não deixa de ser significativo o fato de um autor com a pretensão de escrever uma história da literatura progressista, revolucionária, (...) representando o novo<sup>11</sup> se valer de críticos como Ronald de Carvalho, por exemplo – cuja *Pequena história* foi longamente utilizada por instituições tradicionais como o colégio Pedro II – de um lado e de outro outro reivindicar para um padre cronista – Frei Vicente do Salvador – um considerável pioneirismo literário.

No limite, tanto as condições de escrita quanto as fontes do historiador apontam para uma mesma direção: o discurso historiográfico, além de se construir sempre a partir de uma trama de relatos, é sempre uma versão interessada da história (se existe um história totalizante é uma outra questão, que foge aos propósitos de nosso texto).

Diz Edward Carr que

não se pode compreender ou apreciar (...) o trabalho do historiador a menos que se aprenda antes o ponto-de-vista que determinou a sua abordagem, (...) ele mesmo enraizado num background social e histórico. (...) O historiador, antes mesmo de começar a escrever história, é o produto da história.<sup>12</sup>

A *História da literatura brasileira* de Astrojildo possui sobre um crítico atento o efeito de um desafio, exigindo que este lance ao seu texto um olhar desconfiado e, assim sendo, mais rico. Contudo, não me proponho a aprofundar ou esgotar essa questão, desejando tão somente convidar os futuros leitores de Astrojildo a participarem dessa empreitada literária.

<sup>9</sup> É interessante notar que Ronald de Carvalho corrigirá sua referência ao texto de Frei Vicente por ocasião da publicação de *Estudos brasileiros*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar & INL, 1976, onde à página 36 se lê: "Frei Vicente do Salvador (...) autor da *História do Brasil*".

<sup>10</sup> Pereira, Astrojildo, *op. cit.* p. 1.

<sup>11</sup> *Id.* p. 8.

<sup>12</sup> Carr, Edward. *Que é história?*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 37.